

O MUSEU HISTÓRICO ESCOLAR GUSTAVO BARROSO, DO COLÉGIO MILITAR DE FORTALEZA

Regina Cláudia Oliveira da Silva

Professora de História do Colégio Militar de Fortaleza

E-mail: reginaclaudia@gmail.com

História dos Museus no Brasil: Contribuição de Gustavo Barroso

No Brasil, o aparecimento dos museus precede o surgimento das universidades. Posteriormente às observações científicas e apontamentos iconográficos originados pelos cientistas e artistas trazidos por Maurício de Nassau, que consistiram na fundação de um museu (incluindo jardim botânico, jardim zoológico e observatório astronômico) no grande parque do Palácio de Vrijburg, no transitório momento da ascendência holandesa em Pernambuco, em meados do século XVII, o arquétipo brasileiro que mais perto esteve de uma instituição museológica pode ser reconhecido no Museu de História Natural, criado por D. Luis de Vasconcellos, Vice-Rei do Brasil, de 1779-1790. Tal empreendimento refletiu, obviamente, as sensíveis inspirações do Iluminismo europeu, que encantavam a elite letrada e que proporcionaram, nas últimas décadas do século das luzes, um determinado incremento científico e literário, desfigurando um pouco a estagnação religiosa que prevaleceu por todo o período colonial.

Tratando-se de um estabelecimento voltado para a taxidermia de animais destinados a Portugal como artefatos de

curiosidade, o ambiente ganhou do povo a denominação de Casa dos Pássaros. Foi D. João VI que, em 1818, o converteu em Museu Real, mantendo o seu acervo, que no Império foi acumulado de objetos avaliados como curiosos. Com o advento da República, este acervo foi transferido, em 1892, para o Paço de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista, então passando a existir com a designação de Museu Nacional. Fora este, escassos são os exemplos de museus instituídos no século XIX, pois a maioria ainda é contemporânea do Império. Mesmo assim, a formação de cientistas brasileiros e a produção científica no país encerravam nos museus um dos seus centrais pontos de apoio, especialmente na segunda metade do século XIX. Isto fez com que cada vez se intensificassem mais as relações entre os campos museológico e educacional.

Acompanhando a tendência descrita acima, a institucionalização dos museus e da museologia no país precedem à concepção de um dispositivo legal para o amparo do patrimônio histórico e artístico da Nação. A partir do que foi exposto, mesmo que em sucintas palavras, pode-se inferir que as elementares noções e práticas de preservação e o destino educacional do que posteriormente se denominaria “patrimônio cultural” no Brasil estreadam na seara dos museus. Dessa forma, em fins do século XIX, existiam no Brasil cerca de dez museus, mas, excetuando-se o Museu Naval e Oceanográfico (1868) e o Museu da Academia Nacional de Medicina (1898), todos os outros tinham qualquer afinidade com os exercícios classificatórios dos elementos encontrados na natureza. Além do Museu Nacional, os outros dois grandes museus brasilei-

ros eram o Museu Paulista (1895) e o Museu Goeldi (1866) e os três foram organizados como museus de história natural.

Apenas nas décadas de 1920 e 1930, com o desenrolar de um ideário político-ideológico nacionalista, sob visão diferente, observaram-se os museus como instrumentos de *status*, poder e ufanismo da República Velha. Dois eventos integrados, não obstante com uma década de distância, consolidaram todo esse momento histórico: a concepção, por Gustavo Barroso, do Museu Histórico Nacional (MHN), em 1922, ano do Centenário da Independência e, na gestão do historiador Rodolfo Garcia, como diretor daquele Museu, a criação de um Curso Técnico de Museus, com a finalidade de formar técnicos-conservadores para trabalhar com o acervo museal.

Ainda em novembro do ano de 1932, Gustavo Barroso, que se afastara por dois anos, por questões políticas, da direção do MHN, reassumiu seu cargo e passou a administrar o Curso de Museus, conferindo-lhe sua visão particular em relação à Museologia e ao ensino, que firmou-se na comunidade acadêmica por meio de seus alunos precursores, muitos dos quais tornaram-se professores do Curso. Sua obra basilar, que compreendia tanto o currículo quanto o conceito do Curso, foi a *Introdução às Técnicas de Museus*, publicada em dois volumes, destinados ao processamento técnico de acervo e à cadeira das coleções que compunham o mundo do MHN. São, na verdade, uma coletânea de suas informações e de suas preleções, dado que eram empregadas como manuais por alunos até os anos 1970. Além de sua experiência prática no Museu

Histórico desde a década de 1920, utilizou artigos publicados em *Mouseion* e dos volumes de *Muséographie*, para escrever o livro. Podemos afirmar, assim, que foi Gustavo Barroso que, ao criar o Museu Histórico Nacional, fundou o limiar de uma nova era de museus brasileiros. O acervo abandonava elementos exclusivamente da Natureza e passava a ser de objetos que representassem a História da Nação. Sabe-se que houve um privilégio para a herança da elite brasileira, assim como seus atos político-administrativos, conservando o povo alijado do processo histórico. A vassalagem às reminiscências imperiais conveio ainda de base ao discurso nacionalista conservador e elitista que Barroso defendia. Entretanto, mesmo assim, foi Gustavo Barroso que exerceu desempenho extraordinário na configuração dos demais museus. Pode-se indubitavelmente estabelecer um marco sobre a história dos museus no Brasil em antes e depois de Gustavo Barroso. Ressalte-se, ainda, que em 1934, antes de Mário de Andrade preparar o seu reconhecido ante-projeto para o Serviço do Patrimônio e Artístico Nacional (SPAN), foi criada, por iniciativa de Gustavo Barroso, no Museu Histórico Nacional, a Inspeção de Monumentos Nacionais, precedente célebre e bastante palpável do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), criado em 1937.

Até os dias atuais é objeto de pesquisa, nos campos da Museologia e da História, o investimento governamental no trabalho patrimonial e museológico de Gustavo Barroso, apesar da ideologia ultrapatriótica, integralista, hierárquica, romântica, anticosmopolita e conservadora de Barroso, tão

criticada por muitos, porque seu adágio museológico é que implantou o contexto museal brasileiro, dada sua proeminência na construção da memória da nação e na sua natural preservação. Houve inegável prosseguimento desta forma de pensar e desta prática museológica como modelo, tanto nos museus, especificamente, quanto nas políticas de preservação do patrimônio, de modo geral. Tal pensamento tornou-se uma estratégia recursiva e a musealização importou em diversas ocasiões uma opção para a manutenção da tradição avaliada por ele como a alma da Pátria. Funcionando como elemento aglutinador, percebe-se sua influência através da forma como entendia o Folclore, a História, a Nação Brasileira, o Exército Nacional, materializando-se em vários projetos, como Museu Histórico Nacional (1922), O Curso de Museus (1932), a Inspetoria de Monumentos Nacionais (1934).

O ano de 1922 foi emblemático para o Brasil. No último ano do governo Epitácio Pessoa, cravado numa crise geral, seriamente agravada pela ideia da derrubada do Morro do Castelo, fato tido por muitos como um crime contra o patrimônio histórico do país, pois houvera sido o núcleo inicial da cidade do Rio de Janeiro, por este motivo a imprensa e a intelectualidade moderna não davam trégua. Este fora o ano da criação do MHN e da nomeação de Gustavo Barroso para seu comando, justamente quando outros fatos marcavam nossa história: o centenário da Independência e toda a discussão que envolvia sua comemoração (que poderia restaurar ou não o prestígio político alquebrado do governo), a Semana de Arte Moderna, a fundação do Partido Comunista Brasileiro e a primeira ma-

nifestação do Movimento Tenentista. Exultante com a criação do MHN, escreveu em artigo Gustavo Barroso:

Para felicidade nossa, acabou-se no Brasil a era do descaso pelo nosso passado. Coube ao Exmo. Sr. Presidente Epitácio Pessoa a glória de ter instituído no seu país natal, cujas tradições tanto o estreito sectarismo positivista se tem esforçado por matar, o Culto da Saudade. Ele o iniciou, revogando o banimento da Família Imperial e fazendo com que viessem repousar na pátria querida as cinzas daqueles que, durante meio século de bondade, dirigira seus destinos. Ele o cimentava instituindo o Museu Histórico que custodiará as lembranças mais importantes da nossa vida militar, naval, política e social, durante os mais notáveis períodos. E ele terminará a obra fazendo renascer na sua fita azul a estrela de cinco pontas dessa ordem genuinamente nacional do Cruzeiro, que brilhou sobre o fardão dos nossos melhores estadistas e sobre o largo peito dos nossos heróis (DUMMANS, 1941, p. 212).

As comemorações em torno da criação do MHN passaram a ser importantíssimas do ponto de vista político para o governo, visto que representaria seu projeto de fortalecimento da identidade nacional, por meio do orgulho pela visibilidade do progresso do país, bem como seria uma forma de calar aqueles que o acusavam de não respeitar o patrimônio histórico do país, devido ao episódio com o Morro do Castelo.

A concepção de patrimônio histórico de Gustavo Barroso, espaço onde se materializa a memória, pode ser visto em artigo seu de 1944, quando escreve sobre Ouro Preto, e assim encara o “patrimônio do Brasil, Brasil-Raça, Brasil-

-Nação, Brasil-Humanidade” (p. 9). Seu discurso é nacionalista, tradicional, de preocupação com os “vestígios do passado” firmemente ancorado na ideia de proteção e salvação do patrimônio, “defendendo dos insultos do tempo e protegendo das tolices dos homens” (p. 13). Esse seu espírito conservador foi interpretado pelos modernistas como “passadista” e foi acusado muitas vezes, pejorativamente, de “guardião da razão”, por sua perspectiva enciclopédica, evolutiva, factual, narrativa, comparativa e classificatória de analisar a História e inseri-la no espaço museológico.

Podemos dizer que a prática museal barroense, conservadora e tradicionalista, objetivava, essencialmente, arquivar, mostrar, resguardar e expandir suas coleções, rememorando o passado por ele mesmo, atemporal e estaticamente, como repositório de uma identidade nacional única. Sua temática visava a difusão cultural e histórica, numa perspectiva separatista entre a realidade abordada e o espaço museológico, onde os objetos eram expostos descontextualizados, prontos e acabados, como representantes de uma sociedade harmônica. Geralmente eram exposições permanentes, em um espaço limitado, com percurso preestabelecido a um público que, por sua vez, também era elitizado. Exigia-se do usuário uma leitura passiva do objeto, limitada teórica e criticamente, ignorando suas possíveis necessidades enquanto apreciador do objeto exposto.

No entanto, cabe lembrar que Gustavo Barroso, como muitos outros intelectuais de sua época, formados pelas bases filosóficas, sociológicas e históricas já latentes nas últimas dé-

cadadas do século XIX, foram intimamente influenciados pelo ideário evolucionista e determinista, fundado em conceitos basilares de civilização e progresso, em que uma elite escolhida, superior, branca, vanguardista, letrada, conduziria a nação a um progresso civilizatório. O MHN, para ele, deveria ser o repositório dessa elite, como representante do progresso nacional. Seria espaço do refinamento cultural e, tudo o mais que representasse o que estivesse fora do padrão dessa elite, era apresentado como algo pitoresco ou romantizado, como no caso do perfil do indígena, por exemplo. Isto posto, pode-se inferir que Gustavo Barroso percebia o patrimônio cultural do país como uma herança familiar, que deveria ser passada a cada geração, e ele, como parte dessa grande árvore genealógica, sentia-se no compromisso de resguardar seu patrimônio. As ascendências dessa fina flor social estariam em um passado que aludia à chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, dado que, fundamentalmente, o Estado imperial edificara as bases da nação brasileira. Eventos ligados a este período de nossa História sempre o fascinaram e foram assunto de vários livros seus.

Especialmente no caso de Gustavo Barroso, por ser um pensador, independentemente de qualquer questão que se faça ao seu ideário filosófico-social, um homem com a capacidade de defesa de seus conceitos e com a monumental produção cultural que deixou para o Brasil, merece muito mais espaço de análise e reconhecimento da sociedade brasileira do que mormente tem hoje.

O Museu da Casa de Eudoro Corrêa

O Casarão do Outeiro, como era denominado o prédio onde funciona o Colégio Militar de Fortaleza, hoje Casa de Eudoro Corrêa, teve sua construção principiada oficialmente em 02 de dezembro de 1877, com a finalidade de convir de “Asylo de mendicidade”, isto é, guarida para retirantes da seca. Conforme Marques e Klein Filho, “com o suor de mulheres, homens, crianças de mãos rudes é que se moldou o barro, fizeram-se tijolos e teto e se levantaram as paredes. Foi do sonho de uma vida mais digna que esse prédio se inventou” (2006, p.).

Com o passar dos anos, distintas escolas civis e militares passaram a ocupar essa edificação do antigo Bairro do Outeiro, hoje Aldeota. Primeiro a Escola Militar do Ceará (1889-1897), a mais antiga escola de formação superior militar de Fortaleza. A seguir, a primeira instituição militar de ensino secundário, o Colégio Militar do Ceará (1919-1938), depois a Escola Preparatória de Fortaleza (1942-1961), e, por fim, o atual Colégio Militar de Fortaleza, que começou a funcionar em 1962.

Criado com a reestruturação do ensino militar do Exército, em 17 de novembro de 1961, o Colégio Militar de Fortaleza, Casa de Eudoro Corrêa, tornou-se legatário da história das instituições outrora existentes no velho Casarão do Outeiro. Milhares de jovens do Ceará e de outros estados brasileiros já se formaram dentro dessa tradição. A partir da década de 1960, outros colégios militares foram criados no Brasil, for-

mando o Sistema de Ensino Colégio Militar (SCMB). Hoje, esses estabelecimentos são em número de doze, juntos subordinados à Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial (DEPA), criada em 1973.

Quando começou a funcionar, em 1962, o CMF acolheu naquele primeiro ano, alunos em quase todas as séries. Apenas depois de tempo próprio é que se estabeleceu concurso apenas para a 5ª Série do Ensino Fundamental (antigo Primeiro Grau) e para a 1ª Série do Ensino Médio (antigo Segundo Grau). Em 1989 entrou a primeira turma de mulheres, passando o colégio, hoje, a ter quase a mesma proporção de meninos e meninas. Fizemos essa pequena introdução para concluir que foi já na instituição Colégio Militar de Fortaleza que se pensou em criar um museu escolar.

O Museu Histórico Escolar Gustavo Barroso foi instituído em 1º de junho de 1964, pelo Cel Raimundo Telles Pinheiro, por ocasião Comandante do Colégio Militar de Fortaleza. A escolha do nome do museu homenageou o mais reconhecido cearense na área da museologia, fundador dessa ciência no Brasil e, não bastasse ser um escritor de primeira grandeza, com vasta obra publicada, era reconhecidamente um apaixonado pelas Forças Armadas. À época, faziam-se cinco anos de sua passagem e este deve ter sido mais um motivo para escolher tão nobre cearense para patrono do museu do Colégio Militar de Fortaleza.

O Boletim Interno Número 114 de 02 de junho de 1964, publicado pelo Comando do Colégio Militar traz, em sua 2ª parte (instruções), a seguinte informação:

III – MUSEU HISTÓRICO ESCOLAR – Criação

De acordo com o Art 211 do R-69, foi criado, a 1º de junho, o Museu Histórico Escolar deste Estabelecimento.

Referido Museu será instalado na atual sala da Biblioteca, com estantes da Biblioteca do antigo Colégio Militar do Ceará, tão logo seja organizada a Biblioteca nas novas dependências e estantes já adquiridas.

Em 19 de novembro de 1966, sob Comando do Cel João Perboyre de Vasconcelos Ferreira, foi inaugurada a “Sala de Exposições”, abrigando um simples acervo de insígnias e troféus acumulados desde 1919, datando do início do então Colégio Militar do Ceará. Fundamentalmente existia como depósito de objetos antigos e de lembranças sentimentais, sem condições de proporcionar ao estudante e ao público em geral uma análise crítica e mais aprofundada, de acordo com as tendências de uma museologia mais reflexiva.

Em 1977 foi realizada uma reforma sob o comando do Cel Mário dos Santos André, ocasião em que foi publicado um livreto, assinado pelo então professor José Denizard Macedo de Alcântara, denominado *Sumário Histórico do Colégio Militar de Fortaleza*, em cuja apresentação o Cel Comandante ressalta a importância do museu para a coletividade escolar. Vejamos:

Ciente da importância que o Museu Gustavo Barroso desempenha junto dos alunos como local de estudo e elemento de divulgação da história do Colégio Militar de Fortaleza, pelos objetos e documentos que possui, este Comando achou por bem proceder a uma reforma

de sua “sala de exposição”, dando-lhe inclusive nova organização de modo a melhor traduzir para os educandos, além do histórico do Colégio, as tradições herdadas de outros estabelecimentos militares que o antecederam, neste mesmo local, seu significado para o Exército e o relevante papel que vem desempenhando na educação de milhares de jovens da região nordestina, ao longo de quase um século de existência. Para isto, o Colégio Militar contou com a colaboração do Museu Histórico e Antropológico do Ceará, na pessoa de seu Diretor Prof. OSMÍRIO DE OLIVEIRA BARRETO, que gentilmente colocou a sua disposição o assessor para pesquisas museológicas, Sr. HENRIQUE MEDEIROS BARROSO a quem este Comando apresenta os agradecimentos pelo inestimável apoio prestado.

Na segunda parte do folheto, o Sr. Henrique Medeiros Barroso¹ faz um comentário sobre o trabalho realizado na reforma.

O Museu Histórico Escolar Gustavo Barroso foi criado em 19 de junho de 1964, ainda no Comando do então Cel Raimundo Teles Pinheiro. Inaugurada em 19 de novembro de 1966, no Comando do Cel João Perboyre e Vasconcelos Ferreira, a “Sala de Exposições”, abrigava, então um acervo caótico de relíquias e troféus acumulados desde 1919, do início do antigo Colégio Militar do Ceará. Funcionava como repositório de coisas velhas e lembranças sentimentais, sem condições de oferecer ao estudante e curioso um juízo crítico mais de acordo com as técnicas da moderna museologia. Entendendo o Cel Mario dos Santos André, atual do Colégio Militar

¹ Então assessor para pesquisas museológicas do Museu Histórico e Antropológico do Ceará. Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social.

de Fortaleza, o sentido cultural e educativo que os museus desempenham nos dias atuais e enfaixando para si o encargo e a responsabilidade de proceder uma reorganização e reforma completa da Sala de Exposições — núcleo inicial de um acervo que vem crescendo na medida de uma conscientização histórica e da sucessão dos tempos. Para tanto, o espaço físico foi adaptado convenientemente: melhor iluminação e ambiente condicionado para uma maior conservação das peças, vitrinas, estantes e estrados adequados; tombamento, classificação, fichário e etiquetagem, tudo para facilitar pesquisas e informações. Na realização deste trabalho vale salientar a colaboração do Museu Histórico e Antropológico do Ceará, através de seu Diretor, Professor Osmírio de Oliveira Barreto que, de imediato, compreendeu a dimensão cultural do projeto. O pequeno acervo do Museu está composto na sua maioria de condecorações, estandartes e bandeiras, mobiliários, antigas indumentárias dos alunos, peças do serviço de louça do antigo Colégio Militar do Ceará e Escola Preparatória de Fortaleza, coleção de álbuns fotográficos sobre atividades do colégio, classificados por sucessão anual de 1942, desde a Escola Preparatória de Fortaleza até os dias atuais. O Museu Gustavo Barroso possui no seu conjunto, além da Sala de Exposições: biblioteca, arquivo, auditório, oficina, sala de audiovisuais, jardins e parque de estacionamento. Sabe-se que os Colégios Militares, como órgão de assistência social do Exército no setor de ensino e traço de união com o meio civil, realizado através da juventude, possam cada vez mais inculcar na comunidade o valor e diferenciação entre passado e presente, para dessa maneira saber-se melhor avaliar a contemporaneidade.

Vinte anos depois, sob comando do Cel Eduardo Fernandes Ferreira, ocorreu a mudança das instalações do museu, onde foram realizadas sensíveis melhorias, no tocante ao espaço físico, ventilação e catalogação das suas peças. No entanto, por falta de uma orientação profissional que direcionasse as mudanças necessárias e a catalogação das peças, é bastante provável que muita coisa tenha se perdido e/ou extraviado.

Atualmente o museu encontra-se no Pavilhão Superior, ao lado direito da entrada principal do CMF. Como já foi dito, é um museu de Categoria Escolar, subordinado ao CMF e, conseqüentemente, ao Comando do Exército. Essencialmente seu acervo é composto por condecorações, estandartes e bandeiras, mobiliários, antigas indumentárias de alunos, peças do serviço de louça do antigo Colégio Militar do Ceará e Escola Preparatória de Fortaleza, coleção de álbuns fotográficos sobre atividades do colégio, documentos relacionados à história do CMF, bem como um considerável material relacionado com a Segunda Guerra Mundial. Referência para a toda a comunidade alencarina desde a sua criação, buscamos integrá-lo às atividades curriculares do colégio, bem como estimular o espírito investigativo, o incentivo à pesquisa e à preservação do patrimônio histórico, não apenas das forças armadas, mas do país como um todo, de forma a conduzir a uma maior reflexão sobre os valores nacionais, éticos e morais, de extrema importância para a formação dos nossos jovens. Hoje, segundo a Museologia moderna, trabalhar com museus deixou de ser apenas uma tarefa de limpeza de objetos empoeirados, de etiquetagem, de registro de coleções e de contagem de visitan-

tes. A vida produtiva em museus ganhou novos significados, principalmente no que se refere ao interesse pela vida social e política das pessoas e por tudo que elas construíram ao longo de suas vidas, de tudo que se transforma continuamente em patrimônio cultural. O museu é o ambiente onde o aluno melhor exercita o memorialismo através da mediação pedagógica das coisas concretas. No caso do Museu Histórico e Escolar Gustavo Barroso, o acervo é essencialmente voltado para o universo militar.

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — IPHAN, “o museu é uma instituição permanente, aberta ao público, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, que adquire, conserva, pesquisa, expõe e divulga as evidências materiais e os bens representativos do homem e da natureza, com a finalidade de promover o conhecimento, a educação e o lazer”. Como educadores devemos atentar para que uma visita a um museu seja sempre construtora de significados. O artefato exposto sempre “diz” alguma coisa ao visitante, que faz uma leitura subjetiva do objeto e é nisto que está o valor da educação. O guia pode ser o mediador entre o objeto e o visitante ou, no caso de visitas não guiadas, o próprio objeto, devidamente identificado, inserido em um contexto próprio, auto-explicativo, pode ser um meio de mediação semiótica para o visitante. O espaço dos museus não é importante apenas para a construção do saber histórico, mas para o processo educacional em sua totalidade, e a Museologia, então, funciona como uma ciência transversal, interdisciplinar, aberta a todas as outras ciências,

que analisa a cultura e o conhecimento sob os mais diversos aspectos científicos. Desta forma, destaca-se veementemente sua perspectiva sócio-educativa. O processo museológico, enfim, será sempre erguido e restaurado por meio da ação dialógica, dinâmica, polifônica, complexa e inventiva. Como educadores, e particularmente historiadores, destacamos nosso anseio e responsabilidade por instituir contextos educativos para a integração criativa e cooperativa constantes de nossos alunos, no ambiente escolar, para que possam transcender em seus saberes e ações para a comunidade em que vivem.

No intuito de atingir as ideias traçadas, sempre buscamos a prática de ações pedagógicas que valorizem o acervo, permitindo a otimização da utilização das peças do Museu Gustavo Barroso como fonte de conhecimento, assim como sua compreensão enquanto espólio histórico. Nossas ações visam o estímulo da criatividade e a instigamento da curiosidade investigativa dos alunos de forma que estes se descubram em situações-problema que lhes provoquem a necessidade de coleta e sistematização de outras informações a respeito das obras expostas, para além do Museu. Acreditamos que trabalhar a ação documental desta maneira propicia um maior envolvimento do grupo, enquanto valoriza as experiências pessoais, proporcionando um processo educativo que instrumentaliza para a construção do conhecimento histórico ao mesmo tempo em que desconstrói o isolacionismo do Museu como algo apenas para se olhar, cheio de coisas velhas, empoeiradas e inatingíveis. Ao desenvolver técnicas pedagógicas que focalizem a comunicação enquanto ação museológica, nos

permite criar condições para o processo interacional aluno-acervo, aluno-família-acervo e aluno-comunidade-acervo, voltando a inserir devidamente o Museu Gustavo Barroso no circuito sócio-cultural de Fortaleza, como exemplo de preservação do patrimônio histórico nacional, elevando ainda mais o nome da “Casa de Eudoro Corrêa” como uma instituição de construção e disseminação de saberes e produção cultural. Para tanto, aprovamos um projeto de revitalização do museu junto ao Ministério da Cultura, via lei Rouanet, que tanto ampliará, quanto dará nova estrutura ao espaço físico, modernizando-o, restaurará documentos históricos, como os boletins internos de 1919 a 1939. Estes também serão digitalizados e posteriormente disponibilizados na Internet.

Referências

ALCÂNTARA, José Denizard de Macedo. *Sumário Histórico do Colégio Militar de Fortaleza*. Fortaleza, 1977. Mimeografado.

BARROSO, G. Culto da saudade. In 29º edição: *Anais do Museu Histórico Nacional* (vol. 29-1997). Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional/Imprensa Nacional, 1997. p. 34.

DUMANS, A. O Museu Histórico Nacional através de seus 19 anos de existência. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941.

_____. A ideia de criação do Museu Histórico Nacional. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*. Vol. 3. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945.

MARQUES, J. P; KLEIN FILHO, L. P. *O Casarão do Outeiro: memórias e ilustrações*. Fortaleza: Editora ABC, 2006.

SILVA, Regina Cláudia O. *O Culto da Saudade na Casa de Eudoro Corrêa*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2009.